
- **LINGUAGEM E MÍDIA IV**

Coordenador(a): Ana Carolina Kastein Barcellos

A CONSTRUÇÃO INTERATIVA DOS SENTIDOS EM SITUAÇÃO DE RECEPÇÃO DE NARRATIVAS MIDIÁTICAS

Vivian Cristina Rio (UNICAMP)

O presente artigo pretende mostrar as primeiras análises relacionadas à construção interativa dos sentidos por jovens universitários em situação de recepção de narrativas midiáticas. A perspectiva teórica que dá sustentação a este projeto é a sociolinguística interacional/interpretativa (Gumperz, 1982), que compreende que a organização do discurso e da interação social demonstram a complexidade inerente a qualquer tipo de encontro face-a-face, pois os participantes estão a todo momento introduzindo ou sustentando mensagens que organizam esse encontro social, “mensagens estas que orientam a conduta dos participantes e atribuem significado à atividade em desenvolvimento” (Garcez & Ribeiro, 1998:8). Segundo Blom & Gumperz (1972), quando os sentidos que os participantes conferem ao evento social mudam, os sujeitos produzem “pistas” para indicar que esta mudança ocorreu. Uma dessas pistas é a chamada mudança de footing - que se refere tanto à mudança de código quanto à mudança de posicionamento do eu em relação ao outro ou a si próprio (Goffman, 1979). Nosso interesse pela construção interativa dos sentidos sinalizada pelas mudanças de footing produzidas em situações de recepção de narrativas midiáticas decorre de nossa pesquisa anterior (Rio, 2004), Bentes & Rio (no prelo), por meio da qual pudemos observar que grande parte do conhecimento dos sujeitos sobre temas e sobre a estruturação dos gêneros narrativos midiáticos era construído conjuntamente, na/pela interação. Nesta pesquisa, que vem sendo desenvolvida, re-analisamos o corpus já constituído (cerca de 10 horas de gravação em vídeo com estudantes universitários) pelos encontros dos jovens universitários, procurando descrever como os sujeitos realizam mudanças de footing de forma a construir interativamente, por meio de uma constante negociação, os sentidos nas narrativas midiáticas.

A PROGRESSÃO TEXTUAL POR MEIO DA LEXICALIZAÇÃO

Caroline da Silva Nunes (UFRJ)

Este estudo tem por objetivo definir e analisar os processos de referenciação, por meio da seleção lexical, entendida aqui como parte dos processos de coesão e progressão textuais ocorridos em textos midiáticos da Revista Veja. Para tanto, foi selecionado um corpus constituído de 40 textos, publicados entre os meses de março e abril de 2004, formado por reportagens de uma página, sobre temas variados que convencionamos classificar em quatro grupos, a saber: Ciência, Comportamento, Entretenimento e Estética. A partir da análise dos diferentes processos de co-referenciação da temática principal em crônicas jornalísticas, por meio das escolhas lexicais feitas pelo sujeito enunciador, verificamos uma tendência ao uso de descrições avaliativas e nominalizações motivadas semanticamente; a análise de tais mecanismos permite avaliar argumentativamente a modalização do discurso e a presença dos sujeitos enunciadores. Como embasamento teórico, o trabalho apóia-se em teorias já conhecidas da Linguística Textual, como

os estudos de KOCH (1990) sobre o processo de coesão referencial anafórica de base lexical, os aspectos da progressão referencial discutidos por MARCUSCHI (1999), além dos estudos de Análise do Discurso, como a Teoria Semiolingüística (CHARAUDEAU, 1983), segundo a qual o sentido de um texto é resultante de uma relação forma/sentido, sendo co-construído pela interação de diferentes instâncias subjetivas. Além da relevância deste trabalho no contexto acadêmico, ressalte-se sua relevância para aplicação didática no contexto escolar, em que os alunos poderão perceber a dinâmica discursiva do texto jornalístico.

A QUESTÃO DA LEITURA DIANTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Ana Carolina Kastein Barcellos (UNESP)

O estudo traz uma reflexão sobre a nova dimensão da leitura diante das profundas transformações tecnológicas atuais. Nesse contexto, a escola deve ser capaz de permitir que os educandos entendam as chaves das linguagens audiovisuais e informáticas, tenham capacidade de aprender, critérios para saber situar e relacionar a informação e conhecimento básico para atribuir sentido a informação recebida e convertê-la em sabedoria. Esses são alguns aspectos que direcionam este estudo para a relação entre os meios de comunicação em massa e a escola, suas implicações e seus avanços e o papel do educador neste contexto.

CINDERELA: A MAGIA COMO SÍMBOLO TRANSFORMADOR DA REALIDADE

Sandra Maria Teresinha Macedo (UNESP), Clara Benedita Bonome Zeminian

Partindo do conto de fadas “Cinderela”, percebe-se a constante presença da ilusão durante a infância, como uma inocente superstição relativa a seres e coisas que trazem felicidade, sendo encontrada em todos os lugares e países. Essa magia persiste no decorrer da vida como elemento transformador da realidade.

O valor desse conto está na piedade que a personagem suscita no leitor. Ela, Cinderela, é infeliz sem merecer, seu infortúnio se dá pelo acaso. O destino corrobora para sua infelicidade até o desenlace do conto. O estudo realizado dos contos de Perrault e Grimm e dos filmes que atualizam “Cinderela” proporcionou-nos perceber que o modo como se lê e o conteúdo daquilo que se escolhe como objeto de leitura são importantes para o binômio narrador/narratário. Levamos em conta nesta análise a presença do “sapato” do conto de fada aos dias atuais interagindo nos vários discursos como ponte para a libertação.

É imprescindível ressaltar que, em algumas das releituras do conto, o autor utiliza o artifício do “deus ex machina” que aparece sob a forma de “fada madrinha” no filme de Walt Disney e no conto de Perrault. No conto dos Irmãos Grimm, o artifício utilizado pelo autor, surge através de pombas que compõem a transformação da Cinderela.

A intriga é a força motriz do conto. Cinderela está sujeita desde o início a humilhações por parte das outras personagens. O sapato aparece como elemento de catarse que inicia o desenlace da trama. O impossível, com efeito, persuade o leitor. Dentre várias mulheres, o sapato é destinado a apenas uma. A escolha já está feita desde o princípio do conto. A presença do sapato, símbolo iconográfico, pode também ser interpretado segundo padrões e valores determinados pelo leitor.

COMO ANDA VOCÊ? UM ESTUDO SOBRE O PRONOME VOCÊ EM OUTDOORS

Valéria Viana Sousa (UFPB)

O presente trabalho objetiva analisar as diversas referências do Pronome Você em textos veiculados no suporte de gênero outdoor. Para tanto, iniciaremos a discussão esclarecendo o(s) gênero(s) textual(is) presente(s) no outdoor, em seguida, apresentaremos uma discussão teórica

sobre signo e mostraremos, então, a fluidez do significado do Pronome Você e, por fim, analisaremos o Pronome Você nas mensagens veiculadas em outdoor. Buscamos com isso mostrar que a classificação gramatical acerca do Pronome você, reproduzida muitas vezes nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa, não corresponde ao real uso do pronome pelos falantes.

O DISCURSO DO REAL: A METÁFORA DA BRASILIDADE

Saulo Adriano dos Santos (UNESP)

O prazer da leitura, a comunicação e a aprendizagem em sala de aula estão na vida e nos múltiplos objetos que cercam o homem, não apenas encerrados nos livros didáticos. Exemplificamos aqui com a possibilidade de leitura da cédula de um real em sala de aula. Ela nos diz que o Brasil cabe inteiro no seu papel moeda. Menor cédula em circulação no País, um real vale mais culturalmente do que se pode gastar na padaria. No papel moeda está inserido o discurso oficial que reforça o modelo político-administrativo republicano implantado no 15 de Novembro de 1989. Sob a leitura semiótica, constata-se que a cédula está impregnada de signos genuínos (dentro da linha peirceana) e comprova que uma simples fibra de celulose ou a cor da tinta de impressão têm em si os elementos essenciais para “conversar” com o leitor que se disponha a lê-la. Cada elemento presente na cédula é carregado de intencionalidade comunicativa e insiste em presentificar-se. Basta ater-se diante do corpus e abrir os sentidos para tudo que o objeto insiste em comunicar. Quem se aventura a abrir a percepção ao objeto de estudo não sairá imune aos signos que estamos insistentemente expostos no mundo real. Veremos, a partir da leitura crítica da cédula de um real, que toda a riqueza cultural e patrimonial do Brasil está estampada na moeda de circulação nacional. A metaforização das imagens na cédula de um real se propõe a revelar esse rico discurso.

O GRITO ARTÍSTICO EM SALA DE AULA

Daniela Estaregue Alves (UNESP), Cristiano Alves da Silva

Objetiva este trabalho ser um instrumento auxiliar para professores em sala, para eles apliquem conceitos básicos da semiótica peirceana para decodificar o não-verbal. Para tanto, partiremos de uma obra de arte, a fim de aflorar a sensibilidade da criança, permitindo-lhes aprimorarem suas maneiras de perceber seus próprios contextos de vida. Entendemos que é fundamental à escola educar o lado humano da criança com muita intensidade, para construir um mundo futuromais cordial e humano. Se a pintura é uma cena narrativa mostrando aspectos cognitivo-estéticos de um acontecimento qualquer do nosso cotidiano, a ligação da obra com a vida será sempre fundamental no processo leitura. Se o fato narrado aconteceu ou não é o que menos interessa, pois a arte será sempre um mergulho profundo na problemática humana. Ela cultiva a sensibilidade e contribui para o desenvolvimento da criatividade via sinestesia dos canais de percepção, estimulando, assim, a própria criança a descobrir suas potencialidade de se servir da linguagem não-verbal como mais um meio de comunicação. Propõe-se, então, colocar a crianças em contacto com obras de arte a partir das categorias semióticas de Peirce: primeiridade, secundidade e terceiridade, que entendemos ser modos de percepção dos objetos. A obra escolhida para esse fim é “O Grito” (Munch, 1893), uma obra que se assemelha muito, em termos de registro de idéia, à liberdade infantil de representar a vida em desenhos. Pela teoria de Peirce, a primeira impressão de um objeto desconhecido é feito por uma espécie de juízo perceptivo e não de uma interpretação cognitivo-reflexiva. Essa impressão trata de descobrir os quali-signos (tinta sobre uma superfície e não propriamente os objetos do mundo) que compõe a obra de arte: os traços, as formas, as cores, as texturas, os volumes, movimentos antes de ligar figuras com objetos da realidade exterior de modo indicial.

OS ADJETIVOS COMO MARCAS DA ENUNCIÇÃO

Suelen Sales da Silva (UFRJ)

No âmbito do projeto Para uma história do Português Brasileiro (PHPB), o estudo sobre a ordem dos adjetivos no SN sempre teve como referencial teórico a sociolinguística quantitativa laboviana. A análise empreendida apontou alguns fatores lingüísticos e extralingüísticos como responsáveis pela variação da ordem dos adjetivos, na escrita, confirmando as seguintes hipóteses: (i) a posição pré-nuclear é ocupada preferencialmente pelo adjetivo avaliativo e não pelo descritivo; e (ii) há uma maior quantidade de adjetivos antepostos (em geral, avaliativos), em certos tipos de gêneros textuais. Em anúncios, esse uso mais freqüente corresponderia a um mecanismo lingüístico-discursivo de intensificação, utilizado no discurso publicitário para valorizar o produto anunciado. Pode-se dizer, portanto, que há uma estreita relação entre a posição do qualificador no SN, a sua natureza semântica e o modo de organização discursiva em que se insere.

Neste trabalho de caráter experimental, pretende-se aliar perspectivas discursivas à variacionista, a fim de descrever os adjetivos como recursos lingüístico-discursivos, em uma amostra selecionada, a saber, um anúncio publicitário, um editorial e uma notícia de jornal.

Das teorias do Discurso, utilizam-se a Teoria da Enunciação (Benveniste, 1974) -- que considera que o sujeito ocupa um lugar privilegiado no discurso e que o ato enunciativo é o lugar de constituição da subjetividade -- e a Análise Semiolingüística do Discurso (Charraudeau, 1983) -- que prioriza o enfoque das relações sócio-discursivas e interpessoais dos integrantes do ato comunicativo, permitindo, assim, uma interação entre as esferas lingüística e situacional (Pauliukonis, 1998).